

O ciclo de conferências “Que Visões para a Defesa?” que o IDN lançou não obedeceu a um formato usual, por vários motivos.

Era, em primeiro lugar, um exercício de prospectiva, talvez o mais difícil dos desafios teóricos. Pedia-se aos conferencistas que falassem sobre o presente e o futuro da Defesa, entendida num sentido lato, num horizonte de algumas décadas e tendo como objecto de reflexão a realidade de Portugal, da Europa e da NATO. Num mundo em rápida mudança, onde o passado recente parece pertencer (e pertence) ao milénio anterior, onde é normal dizer-se que a previsão é impossível, onde nada parece claro, firme e seguro, o desafio assumia uma dimensão significativa.

Era, em segundo lugar, um exercício sobre um conceito em rápida mutação. Nós temos hoje uma ideia do que é a Defesa e do que ela implica que é muito diferente da prevalecente num passado recente, pelo que não é ousado pensar que algo de semelhante acontecerá daqui a dez anos.

Era, em terceiro lugar, uma fórmula aparentemente arriscada, pois deu-se a todos os conferencistas o mesmo tema. Uma mente mais clássica, inclinada a pensar que existe só uma verdade, seria levada a concluir que se iria cair na repetição. Pode ser facilmente comprovado pelos textos publicados que isso não aconteceu. Na realidade, a prospectiva tem tanto de arte como de ciência, pelo que podemos estar seguros que um analista experiente produzirá sempre um trabalho diferente de um outro, embora incidindo sobre o mesmo tema, do mesmo modo que podemos estar seguros que dois pintores consagrados irão produzir obras diferentes, mesmo quando tratam o mesmo assunto. A comparação é especialmente oportuna, na medida em que nos permite entender facilmente um outro ponto: todas as análises apresentadas podem estar correctas e fazer sentido, apesar de poderem parecer contraditórias, do mesmo modo que ninguém se lembraria de perguntar qual é o quadro “correcto” e qual o “errado” quando se comparam as obras de pintores consagrados.

Era ainda um exercício de “meter o Rossio na Rua da Betesga”, como é usual dizer-se, pois pedia-se que se resumisse um tema de grande vastidão e complexidades em pouco mais de uma hora.

Finalmente, foi escolhido um número muito reduzido de conferencistas, o que era obrigatório no tempo existente, mas com percursos de vida diferentes. Neles

---

encontramos lado a lado aproximações mais académicas, com outras mais filosóficas ou mais pragmáticas, mas todas tendo em comum o facto de se basearem na experiência adquirida em muitos anos de exercício de importantes responsabilidades no campo da Defesa.

Numa opinião pessoal, penso que foi um desafio que, apesar dos riscos, obtive excelentes resultados, e que estes só eram possíveis com a fórmula pouco usual adoptada. O conjunto de textos reunidos vem enriquecer em muitos aspectos a nossa visão sobre a defesa e, sem esgotar o tema ou as abordagens (o que é impossível), abre novos horizontes e perspectivas.

António José Telo

Lisboa, IDN, Dezembro de 2009